

1

Como fui deixar que elas me convencessem?

Em dupla, as “gerais” do prédio nº 27 da rue Montagnard — Madame Bernard, a senhoria, e Madame Rosalette, a zeladora — cercaram Monsieur Perdu entre seus apartamentos vizinhos, no térreo.

— O jeito como Le P. tratou a esposa foi humilhante.

— Vergonhoso. Ele a tratou como uma traça a um véu de noiva.

— É difícil julgar algumas pessoas quando se sabe quem são suas esposas. Geladeiras vestidas de Chanel. Mas os homens? Todos uns monstros.

— Senhoras, eu não sei o que...

— *O senhor* obviamente não, Monsieur Perdu. O senhor é caxemira comparado aos trapos de que são feitos os homens.

— Enfim, vamos receber uma nova inquilina. No quarto andar, ou seja, o seu andar, Monsieur.

— Só que não restou nada à Madame. Absolutamente nada, apenas ilusões estilhaçadas. Ela precisa de quase tudo.

— E é aí que o senhor entra, Monsieur. Dê o que puder. Todas as doações serão bem-vindas.

— Claro. Talvez um bom livro...

— Bem, nós estávamos pensando em algo mais prático. Uma mesa, por exemplo. Sabe, a Madame não tem...

— ... nada. Entendi.

O livreiro não sabia o que poderia ser mais prático que um livro. Mas prometeu dar uma mesa à nova inquilina. Afinal, tinha mesmo uma sobrando.

Monsieur Perdu encaixou a gravata entre os botões da gola da camisa branca, passada à perfeição, e enrolou as mangas cuidadosamente. Para dentro, dobra por dobra, até o cotovelo. Fixou o olhar na estante no corredor. Atrás daquelas prateleiras estava um quarto em que ele não entrava havia vinte e um anos.

Vinte e um anos, verões e manhãs de ano-novo.

Mas naquele quarto estava a mesa.

Monsieur Perdu suspirou, escolheu um livro aleatoriamente, e puxou da prateleira o *1984*, de Orwell. Que não se desmanchou. E nem mordeu sua mão como um gato contrariado.

Pegou o romance seguinte, depois mais dois, e então estendeu ambas as mãos, tirando blocos inteiros de livros da estante e empilhando-os ao seu lado.

As pilhas viraram árvores. Torres. Montanhas mágicas. Ele olhou para o último livro na mão: *O jardim da meia-noite*. Uma história de viagem no tempo.

Se acreditasse em presságios, aquele teria sido um sinal.

Bateu com os punhos na parte de baixo das prateleiras para soltá-las das mãos-francesas. Então deu um passo atrás.

Pronto.

Camada por camada, lá surgia ela. Atrás da parede de palavras. A porta para o quarto em que...

Eu poderia simplesmente comprar outra mesa, não poderia?

Monsieur Perdu passou a mão na boca. Isso mesmo. Tirar o pó dos livros, colocá-los de volta na estante, esquecer a porta. Comprar uma mesa e continuar a viver como nas últimas duas décadas. Em vinte anos, ele teria setenta, e daí em diante sobreviveria ao resto, talvez até morresse cedo.

Covarde.

Fechou o punho trêmulo ao redor da maçaneta.

Lentamente, o livreiro alto abriu a porta. Empurrou-a para dentro devagar, estreitou os olhos e...

Apenas a luz da lua e ar seco. Inspirou profundamente, apurando o olfato, mas não detectou nada.

*O cheiro de *** havia desaparecido.*

No decorrer de vinte e um verões, Monsieur Perdu havia se tornado tão habilidoso em evitar pensar em *** quanto em evitar cair em bueiros sem tampa.

Basicamente pensava nela como ***. Uma pausa em seu fluxo de pensamentos, um espaço em branco nas imagens do passado, um ponto escuro em seus sentimentos. Ele seria capaz de elencar todos os tipos de lacunas.

Monsieur Perdu olhou em volta. O quarto estava tão silencioso. E tão sem cor, apesar do papel de parede azul-lavanda. O passar dos anos atrás daquela porta fechada havia sugado as cores das paredes.

A luz que vinha do corredor encontrou poucas coisas que podiam fazer sombra. Uma cadeira bistrô. A mesa retangular de madeira com gaveta. Um vaso com a lavanda roubada do Plateau de Valensole mais de duas décadas atrás. E um homem de cinquenta anos, que se sentou na cadeira e se abraçou.

Antes havia cortinas ali. E daquele lado fotos, flores e livros, um gato chamado Castor, que dormia no sofá. Havia castiçais e sussurros, taças de vinho tinto e música. Sombras dançantes na parede, uma delas alta, a outra impressionantemente linda.

Houve amor naquele quarto.

Agora, há apenas eu.

Ele cerrou os punhos e pressionou-os nos olhos que ardiam.

Monsieur Perdu engoliu em seco uma vez, e depois outra, a fim de reprimir as lágrimas. O nó na garganta estava grande demais para lhe permitir respirar, e as costas pareciam incandescer de queimação e dor.

Quando conseguiu engolir direito de novo, ele se levantou e abriu a janela. Aromas vindos do quintal do prédio entraram rodopiando.

As ervas do pequeno jardim dos Goldenberg. Alecrim, tomilho. Misturados aos óleos de massagem de Che, o podólogo e “encantador de pés” cego. Além deles, o cheiro de panqueca entremeado ao das comidas africanas grelhadas, picantes e suculentas de Kofi. Acima de todos esses cheiros pairava o aroma de Paris em junho, uma fragrância de flor de tília e de expectativa.

Mas Monsieur Perdu não deixou que esses aromas o afetassem. Resistiu ao seu encanto. Ele se tornara um verdadeiro especialista em ignorar tudo o que pudesse lhe provocar algum tipo de saudosismo. Cheiros. Melodias. A beleza das coisas.

Buscou água e sabão no quartinho ao lado da cozinha vazia e começou a limpar a mesa de madeira.

Lutou para afastar a imagem desbotada de si mesmo sentado àquela mesa, não sozinho, mas com ***.

Limpou, lavou, esfregou e ignorou a pergunta incômoda sobre como seriam as coisas agora, depois de ter aberto a porta do quarto onde todo o seu amor, todos os seus sonhos e seu passado haviam sido enterrados.

Memórias são como lobos. Não se pode encarcerá-las e esperar que deixem você em paz.

Monsieur Perdu carregou a mesa estreita até a porta, passou-a pela parede de livros e por entre as montanhas mágicas de papel, e atravessou o patamar da escada até chegar à porta do apartamento vizinho.

Quando ia bater, ouviu um som melancólico.

Um choro abafado, como se bloqueado por um travesseiro.

Alguém chorava atrás da porta verde.

Uma mulher. E chorava como se não quisesse que ninguém, ninguém a ouvisse.

2

“Ela era mulher do você-sabe-quem, o tal de Le P.”

Perdu não o conhecia. Não lia as revistas de fofoca parisienses.

Madame Catherine Le P.-você-sabe-quem voltara para casa do trabalho na agência do marido artista, onde era relações públicas,

numa quinta-feira à noite. Sua chave não entrava mais na fechadura, e havia uma mala na escada com os papéis do divórcio em cima. Seu marido se mudara para algum lugar desconhecido, levava os móveis antigos e uma nova mulher.

Catherine, futura-ex-esposa-do-Le-Desgraçado, não possuía nada além das roupas com que entrara no casamento. E a percepção de que fora ingênua demais, primeiro ao acreditar que o amor que um dia compartilharam seria suficiente para lhe garantir um tratamento decente após a separação, e, segundo, por pensar que conhecia tão bem o marido a ponto de não imaginar que ele pudesse surpreendê-la.

“Um erro muito comum”, comentara Madame Bernard, a senhoria, entre duas baforadas do cachimbo que pareceram sinais de fumaça. “Só se conhece de verdade um marido quando ele a abandona.”

Monsieur Perdu ainda não tinha visto a mulher que fora excluída da própria vida com tanta frieza.

E agora ouvia o choro solitário que ela tentava desesperadamente abafar, talvez com as mãos ou com um pano de prato. Ele deveria dar sinal de vida e deixá-la constrangida? Decidiu buscar o vaso e a cadeira primeiro.

Pé ante pé, foi até seu apartamento e voltou. Sabia como aquele prédio antigo e orgulhoso podia ser traiçoeiro, quais tábuas do assoalho estalavam, quais paredes, mais finas, foram acrescentadas recentemente, e quais dutos ocultos nelas funcionavam como megafones.

Sempre que se curvava sobre o quebra-cabeça de mapa com dezoito mil peças na sala de estar vazia — exceto pela presença do quebra-cabeça —, os sons da vida dos outros moradores chegavam até ele.

Como os Goldenberg brigando (Ele: “Você não pode...? Por que você...? Eu não...?” Ela: “Você sempre precisa... Você nunca faz... Eu quero que você...”). Conhecia os dois desde que eram recém-casados. Quando costumavam gargalhar juntos. Então vieram os filhos, e os pais se afastaram como continentes.

Ouvia a cadeira de rodas elétrica de Clara Violette rolando sobre bordas de tapetes, assoalhos e soleiras de portas. Lembrava-se da época em que a pianista dançava alegremente.

Escutava Che e o jovem Kofi cozinhando. Che mexia as panelas. O homem era cego de nascença, mas dizia que via o mundo pelos aromas e ecos dos sentimentos e pensamentos que as pessoas deixavam para trás. Quando entrava nos cômodos, Che conseguia sentir se alguém já havia amado, vivido, brigado ali.

Todo domingo, Perdu também escutava Madame Bomme e o clube de viúvas dando risadinhas, como adolescentes, com os livros eróticos que ele lhes fornecia às escondidas de seus parentes tacanhos.

Os sinais de vida do prédio nº 27 da rue Montagnard eram como ondas quebrando nas areias da ilha silenciosa de Perdu.

Fazia vinte anos que ele os ouvia. Conhecia os vizinhos tão bem que às vezes estranhava o fato de saberem tão pouco sobre ele (embora fosse melhor assim). Não faziam ideia de que ele não possuía nenhuma mobília além de uma cama, uma cadeira e uma arara para roupas, nenhuma bugiganga, nenhuma música, nem fotos, nem álbuns, nem sofás, nem louças (exceto para uma pessoa). Nem que vivia dessa forma frugal por opção. Os dois cômodos que ainda ocupava eram tão vazios que, quando tossia, o som ecoava. Na sala de estar havia apenas o gigantesco quebra-cabeça no chão. O quarto onde dormia continha a cama, uma tábua de passar roupa, uma luminária e a arara de rodinhas com três conjuntos exatamente iguais: calça cinza, camisa branca, pulôver marrom de gola “V”. Na cozinha havia uma cafeteira italiana, uma lata de café e uma prateleira com mantimentos. Ordenados alfabeticamente. Talvez fosse melhor mesmo que ninguém visse isso.

E ainda assim Perdu nutria sentimentos peculiares pelos moradores do prédio nº 27. De um jeito inexplicável, sentia-se melhor quando sabia que estava tudo bem com eles. E tentava fazer sua parte sem que percebessem. Os livros o ajudavam nessa tarefa. No mais, sempre se movimentava nos bastidores, uma imagem de fundo numa pintura, enquanto a vida se desenrolava no primeiro plano.